

Eleição Presidencial

SUCESSÃO
DE FHC

Única caixinha de surpresas com mais alternativas que o futebol, a política começou seu jogo sucessório assim que foram escolhidos os presidentes da Câmara e do Senado. As eliminatórias, para a eleição do ano que vem prometem caneladas, expulsões e, com um pouco de sorte, até gols

Bola em jogo

Denise Rothenburg e
Olimpio Cruz Neto

Da equipe do Correio

No futebol, o Brasil disputa as eliminatórias para a Copa do Mundo de 2002 desde o ano passado. Na política, não é tão diferente assim. Quem deseja chegar à Presidência da República ou ao Governo do Distrito Federal nas eleições de outubro do ano que vem, já começa a fazer o seu jogo, a buscar aliados e ocupar espaço nos parti-

dos. No caso da Presidência, os candidatos só esperaram saber quem seriam os novos presidentes da Câmara e do Senado para disparar o apito e colocar seus times em campo. E, só na semana passada, três possíveis candidatos fizeram algum movimento para organizar a torcida.

Eleitos Aécio Neves (PSDB-MG) para presidir a Câmara e Jader Barbalho (PMDB-PA) para o Senado, o ministro da Saúde, José Serra, que apostou nos dois, foi o primeiro a sair em vantagem. No dia seguinte, começa-

ram as manobras daqueles que desejam ver Serra fora do lugar de candidato favorito de uma provável aliança oficial à sucessão de Fernando Henrique. O governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), que aposta numa parceria com o PFL, telefonou para metade do partido. Disse que estava insatisfeito com a pouca atenção que deram a seus aliados na distribuição dos cargos da Mesa Diretora do Senado que caberiam ao partido. Para alguns, ameaçou deixar o PSDB. Menos de 24 horas depois, foi a

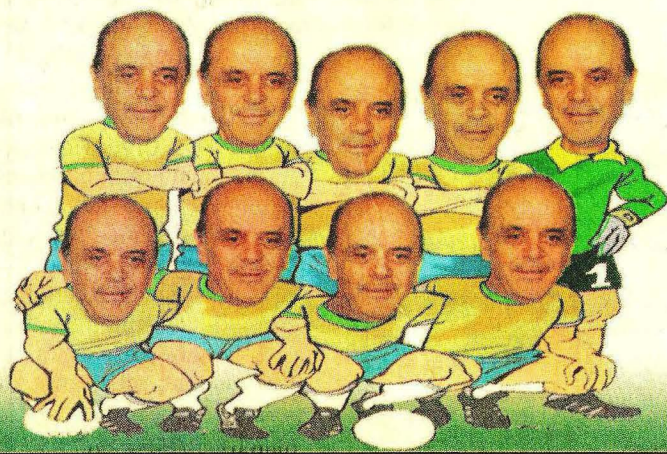
vez do governador de Minas Gerais, Itamar Franco, tentar dar um *chega-para-lá* na aproximação de Serra com os peemedebistas. Para surpresa geral, ele telefonou ao senador Pedro Simon (PMDB-RS) e avisou que pretende oferecer seu nome para disputar a vaga de candidato do PMDB. Foi o terceiro a fazer algum movimento nas últimas 72 horas. Desde a eleição de Aécio e Jader, o PMDB passou a ter dois candidatos e o PSDB teve que administrar uma crise entre seus integrantes por causa da disputa velada entre Serra e Tasso.

“A sucessão já começou e não adianta ninguém querer dizer que não”, avalia o senador Roberto Requião (PMDB-PR).

Começou também no Distrito Federal. A esquerda local tem pressa em escolher o nome que substituirá Cristovam Buarque na corrida ao Palácio do Buriti. Tanto que PT, PPS, PSB, PC do B e PCB promovem, logo após o Carnaval, a primeira de uma série interminável de reuniões para discutir a sucessão. Segundo o deputado distrital Rodrigo Rollemberg (PSB), pode haver até um

troca-troca entre times adversários com a esquerda contratando, por empréstimo, o passê do senador José Roberto Arruda (PSDB).

Arruda, aliás, é a bola da vez. O atual detentor do título local, o governador Joaquim Roriz, também quer escalá-lo no time do PMDB. O tucano, que na última campanha não apoiou Roriz, está mais próximo do governador do que de uma possível aliança com os partidos de esquerda. Confira todo o jogo sucessório do Brasil e do DF nesta e nas próximas três páginas.



SERRA ESPORTE CLUBE

Ministro ainda tem de disputar uma vaga no grupo do PSDB, mas já começou a articular suas principais jogadas

O ministro da Saúde, José Serra, não é exatamente um craque, mas acabou transformando-se no Romário do PSDB. Difícilmente dá as caras nos treinos, fica em casa cuidando da *Saúde*, mas está aparecendo no lugar certo, na hora certa, para empurrar a bola para dentro. Beija o escudo do PSDB, mas também ensaia jogadas arriscadas com o PMDB, especialmente depois da eleição do deputado tucano Aécio Neves (PSDB-MG).

Um dos temores de Serra é que o governador cearense, Tasso Jereissati, consiga se classificar na chave tucana. É o famoso

mata-mata. Onde os dois disputam uma única vaga. Até por isso o ministro trabalhou pela eleição de Aécio Neves, numa tentativa de eliminar o PFL do processo sucessório. Sem um candidato forte para concorrer à Presidência, desde que a governadora do Maranhão, Roseana Sarney (PFL), abandonou o jogo, o PFL anda apostando em Tasso.

Com as sucessivas derrotas do PFL, Serra fortaleceu-se. O problema é que ainda lhe falta prestígio junto à torcida. Nas últimas pesquisas de intenção de voto para a Presidência, o ministro não passa dos 7%. (DR e OCN)



ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA CIRO

O ex-ministro da Fazenda vive situação difícil: para classificar-se depende dos resultados dos adversários

A hipótese — embora remota — de Tasso Jereissati ainda ser ungido como o candidato oficial do Palácio do Planalto complica um pouco a vida do pré-candidato oficial do PPS, o ex-ministro da Fazenda Ciro Gomes. Fiel aliado do governador cearense, seu grande padrinho político e dileto amigo, Ciro se vê na desconfortável situação de ter que tirar o time de campo, se Tasso conseguir montar um *dream team* com PSDB e PFL. Até porque os dois são grandes campeões da Copa Nordeste e, por consequência, dividem a mesma torcida.

Situação idêntica ocorre na hipótese de o governador de

Minas Gerais, Itamar Franco, ganhar a convenção peemedebista e sair candidato à Presidência. Ciro foi ministro da Fazenda de Itamar. Atuou como um volante *xerifão* ao defender o Real mesmo com o escândalo das parábolicas de Rubens Ricúpero.

O ex-ministro mantém até hoje uma boa relação com Itamar, com quem chegou a enasair uma tabelinha em 1998. A dúvida é: pode a principal figura do PPS, que aparece sempre com mais de 10% das intenções de votos nas pesquisas, amarelar agora que os amistosos acabaram e fase final vai começar? Pouco provável. (DR e OCN)



SOCIEDADE ESPORTIVA TASSO

Craque cearense espera ser finalmente alçado à equipe titular, mas anda tabelando com um zagueiro perigoso

O governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), foi um dos armadores do jogo que levou Fernando Henrique Cardoso a sair como candidato à Presidência em 1994. Arrancou de Jorge Bornhausen e Marco Maciel (os cartolas do PFL) o compromisso de sempre deixar FHC na cara do gol. Bicampeonato garantido (1994/1998), ele espera, agora, que o presidente seja um atleta leal e o escale como titular no próximo ano. Mas está difícil.

FHC não se anima muito em ver o governador cearense com a braçadeira de capitão. Até por conta da relação que Tasso mantém com ACM, o mais duro e

violento beque que já cruzou na frente do presidente. Único capaz de bater na canela do adversário ao menor vacilo sem nunca ter sido expulso, ACM torce pela manutenção de Tasso no time do PSDB. É a única maneira de o senador baiano continuar em um time grande como jogador, técnico, dirigente...

Como joga o tempo todo na base da *tesoura voadora*, ACM já fez até gol contra. O último deles na partida decisiva contra Jader Barbalho (PMDB-PA) no Senado. Nesse jogo, aliás, o zagueiro baiano só fez lambança. E ainda quebrou a perna dos pefelistas. Assim fica difícil. (DR e OCN)



LULA FUTEBOL CLUBE

Depois de três campeonatos seguidos, líder da esquerda vai disputar sua última Copa com a obrigação de vencer

O jogador Luiz Inácio Lula da Silva tem uma missão inglória no próximo campeonato. Levar a taça para a casa depois de três derrotas seguidas. Capitão do time, eterno goleiro na seleção das esquerdas — PT, PC do B e PSB jogam juntos há três temporadas —, Lula vai disputar sua última Copa. Até para não ver sua estrela se apagar de vez. É o goleiro mais vazado do futebol político. Perdeu três campeonatos e, na verdade, só jogou bem no primeiro, em 1989.

Difícilmente terá no seu time, desta vez, o veterano Leonel Brizola — craque do passado, mas totalmente fora de forma.

Lula ainda precisa acertar o meio de campo para pensar em vencer. No seu elenco, outros jogadores querem liderar o time. Um deles é Eduardo Suplicy, o senador que atua como o técnico Sebastião Lazaroni: fala muito devagar e não sabe para que lado o time deve avançar. O outro é Cristovam Buarque, que jura estar jogando uma barbaridade, mas até agora só mostrou seu futebol em time local. A sorte de Lula é que a torcida é a mais barulhenta e boa de briga que existe. Os *hooligans* petistas são o 12º jogador em qualquer partida. (DR e OCN)



GRÊMIO ESPORTIVO ITAMAR

Governador parecia que ia para outro time quando anunciou sua volta ao clube que havia deixado em 1999

Todo o time do PMDB já esteve em melhor forma. Foi campeão brasileiro, disputou alguns títulos, caiu para terceira divisão, e voltou à elite da política nacional graças a uma virada de mesa (assemelha-se a um clube do Rio). Nos campeonatos presidenciais de 1989 e 1994 nem chegou à fase final. No último, em 1998, cedeu campo, bola e jogadores para o PSDB, deixando na mão o ex-presidente Itamar Franco. Itamar, claro, é o Edmundo: sempre apronta, mas, vira e mexe, um clube bate à sua porta. Quando todos imaginavam que ele iria trocar de time, anunciou a volta ao PMDB.

O problema do partido é que já existe um candidato à Presidência declarado: o senador Pedro Simon. Os dois vão tentar, na convenção do PMDB, convencer o partido a passar a braçadeira para apenas um deles.

Quem vencer nessa eliminação não tem nada garantido. Os companheiros de clube são pedreira. Itamar ou Simon terá de enfrentar o desgaste das caneladas do zagueirão Jader Barbalho e ainda lidar com um lateral pernambucano, Jarbas Vasconcelos, que pode ser convocado pelo PSDB a qualquer momento. Esse time é dureza. (DR e OCN)



CLUBE DE REGATAS GAROTINHO

Saindo da *segundona* e com pouca experiência, time do governador tenta se tornar a zebra-surpresa de 2002

O time do governador do Rio, Anthony Garotinho (PSB), está para a política como o São Caetano esteve para a Copa João Havelange. Terá de subir da segunda divisão e contar com um pouco de sorte se quiser chegar à final.

Ele já foi do PDT, de onde saiu brigado com o ex-governador Leonel Brizola, acabou ingressando no PSB e, com isso, quase jogou para escanteio Itamar Franco, estrela de primeira grandeza e dono de um título nacional conseguido no tapetão.

Garotinho, de bobo, não tem nada. Se não conseguir chegar à fase final do torneio princi-

pal, vai botar seu time no Rio de Janeiro outra vez para disputar o bicampeonato.

Mas não vai ficar parado durante a pré-temporada. Até lá tentará trazer jogadores de outros clubes para reforçar a sua equipe, que é fraquinha, fraquinha.

Se os grandes cartolas não deixarem que ele entre em campo, ou não lhe abrirem espaço para mostrar sua habilidade na sucessão presidencial, não pretende ser reserva de ninguém. Prefere a posição de titular para, quem sabe, valorizar seu passe numa futura composição de governo ou mesmo num segundo turno. (DR e OCN)